



Jovem é preso por agentes da PF, que, durante inspeção, descobriram que ele viajava com droga escondida em carrinho de açaí

rece. Uma lancha rápida da Polícia Federal emparelha com o barco de passageiros e ordena que o comandante reduza a velocidade. Três policiais prendem a lancha à embarcação e saltam para dentro. De pronto e sem qualquer satisfação, começam a vasculhar banheiros, ralos, armários de tripulantes, vãos e a área de carga.

Um remendo mal feito na estrutura de um carrinho de açaí estacionado próximo às galinhas na parte inferior chama a atenção dos agentes. O item é mais pesado do que aparenta e os policiais decidem arrancar a tampa para averiguar as paredes internas. O dono é um jovem que viaja sozinho e protesta: precisa do material intacto para trabalhar em Manaus. Tão logo o compartimento sucumbe a uma alavanca pé de cabra, uma substância branca ensacada dá a certeza da adulteração. São cerca de 13 quilos de drogas. “Sabemos que essa rota é muito utilizada para tráfico. Nosso efetivo é reduzido, viemos só nós três, mas contamos com a experiência”, disse o policial federal (que pediu para não ser identificado).

Após prenderem o passageiro em flagrante, o rapaz algemado e o carrinho são transferidos para a lancha da Federal. E o comandante do “cruzeiro” pode reativar seus dois motores de 550 HP que produzem força e barulho incompatíveis com a máxima de 25 km/h rio a

baixo. Houve quem atribuisse a ação policial à presença da equipe de reportagem, confundida por alguns como policiais à paisana. Mesmo com os devidos esclarecimentos, não ficou claro se a maioria aprovou ou desaprovou a blitz. Dali a Manaus, haverá duas barreiras policiais em pontos pré-determinados. Só em Coari, na última noite, cães farejadores da Força Nacional serão usados nas bagagens. Costuma ser a noite mais crítica, segundo tripulantes, pois não há novas abordagens até o destino, e quem veio disposto a encaminhar furtos ou outros ilícitos fica mais à vontade.

Um terço da população de toda a Amazônia é afetado pelas disputas entre facções criminosas, como o Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (CV). É uma realidade conhecida há quase uma década, graças a reportagens históricas. Mas que só agora parece ganhar mais ênfase em levantamentos acadêmicos e em estudos de organismos da sociedade civil. O esvaziamento das florestas é bom para o crime. As regiões menos habitadas e remotas viram corredores para produção de entorpecentes e para o tráfico de drogas e de armas. As gangues nacionais operam, em alguns casos, em regimes de consórcio com cartéis internacionais. É um trabalho de policiamento difícil e com pouca estrutura. Agentes federais costumam buscar a transferência para cidades maiores assim que possível.

**OS PASSAGEIROS.** Dentro do barco, faz calor durante o dia e frio à noite. As nuvens que surgem sobre a calha do rio inundam toda a área dos andares dos passageiros. A alvorada e o crepúsculo refletidos nos mais de 2 quilômetros de calha deslumbram e amenizam o desconforto de quem viaja pela primeira vez e é desabitado com o repouso em rede e com o cardápio à base de macarrão e frango.

Quando a noite cai, a escuridão do lado de fora é absoluta. Um canhão de luz operado manualmente pela tripulação ras treia troncos e bancos de areia que precisam ser evitados. Uma colisão pode virar uma tragédia. Com mais de 30 metros de profundidade em alguns pontos, o Solimões teve alguns célebres naufrágios entre os anos 1980 e 2010. Apesar de demorada e perigosa, a viagem de barco é a única opção para centenas de pessoas por uma razão financeira. Pode sair por pelo menos R\$ 220, com três refeições diárias incluídas, aproximadamente um quinto do valor do bilhete aéreo para o mesmo percurso. Ainda assim é uma conta alta

demais para quem viaja com a família inteira.

Neuza Rocha Patrício, de 44 anos, embarcou com quatro filhos e não prega os olhos à noite. A caçula, Elis, de 2 anos, chora à noite querendo terra firme. O mais velho, Romerson, de 22, tem paralisia cerebral e sofre crises de epilepsia e de vômito recorrentes. Ele precisa ser visto periodicamente por um neurologista, especialidade que o poder público não oferece no extremo oeste do Amazonas. Para a administração municipal, fica mais barato e mais fácil despachar pacientes como ele para Manaus. Por enquanto, quem dá suporte à mãe no trato com os irmãos na viagem é Natally Evelyn, de 15. Neuza faz questão que ela e Erick, de 12, acompanhem os demais por um instinto protetor. “É um cuidado que eu tenho de ter. Não deixo eles porque já está tendo muito caso de criança de 12 anos sendo usuária (de droga) e ficando grávida”, comenta. A última ida foi há dois anos, em uma romaria que a manteve por nove meses na casa da mais velha, Jéssica, de 27, que já trocou os rincões do Amazonas pela capital.

Essa viagem não tem data de regresso. Tudo dependerá do parecer médico, do tempo para marcação e obtenção de resultados de exames. A prefeitura só paga a viagem dela e de Romerson. Quando Neuza quiser levar os filhos de volta precisará ter conseguido de alguma forma mais R\$ 600 para completar os custos do retorno, metade da pensão que o governo paga por causa do filho especial e é a principal fonte de renda. “É uma luta, mas vou fazer o quê? Não tenho o que fazer.”

**CELULARES.** A viagem é tediosa. O sinal de celular funciona somente em alguns portos. Os passageiros e os tripulantes chegam a ficar 24 horas sem comunicação com as cidades. Superada a tensão da vitória de homens da Força Na-

**“Sabemos que essa rota é muito utilizada para tráfico. Nosso efetivo é reduzido, viemos só nós três, mas contamos com a experiência”**

**Policial federal na abordagem**

**“Do Brasil, só conheço Tabatinga. Não dá para ter um futuro lá, não tem oportunidades. Quero estudar, trabalhar”**

**Andrea Rosas**  
**Venezuelana**



Neuza não prega os olhos nem os tira dos filhos com quem viaja



Franciney soldou guarda-corpo da popa durante a viagem



O comandante Pedro Jeremias: parando nas blitz da Federal

cional equipados com fuzis, na base de Coari, inaugurada em 2020, Franciney Souza Alves, de 44 anos, mira o celular. Desde a noite anterior, após a partida do porto de Jutai, não havia nenhum sinal de internet ou telefone. As mensagens represadas chegaram de uma vez e um áudio específico deixa seus olhos marejados. “Se o cabra não tiver estrutura, não aguenta, não”, comenta. É uma mensagem da voz da caçula, Jéssica, de 8. “Papai, volta. Estou com muita saudade, te amo muito.”

A despedida foi em casa, com um abraço em cada um dos três filhos, e um beijo na mulher. A cerimônia teve um chamado à responsabilidade do único rapaz, Giovani, de 15, por agora ele ser o único homem no lar. Os meninos não foram à despedida no terminal de embarque. “Se fossem, eu não teria coragem de vir.” Em um acordo com a mulher, Franciney deixou a família para trás em busca de melhores condições de trabalho e renda. Era serralheiro em Tabatinga, mas não recebia o suficiente. “Tirava alguma coisa, mas só dava para comer”, lembra.

A cozinha havia acabado de servir pão e broa de milho do café da manhã quando Franciney passou sorrindo, compartilhando uma boa nova. “Já vou conseguir tirar o que gastei com a passagem!” Ele espalhou entre os tripulantes a informação de que havia um soldador profissional a bordo e

acabou contratado para remendar uma parte do guarda-corpo da popa que precisava de manutenção.

Nas cidades fronteiriças, a falta de trabalho é um dos principais motivadores dos emigrantes. O dado mais recente do IBGE aponta 7% de taxa de ocupação em Tabatinga, fruto de uma informalidade não mapeada a contento. Dos cerca de 70 mil habitantes, estima-se que menos de 4 mil tenham carteira assinada. É um lugar onde quase tudo gira em torno de pequenos comércios e da influência da prefeitura, mesma realidade dos demais municípios da região.

Glória Catique Rodrigues, de 37, também parte em busca de trabalho. A viagem feita na companhia da filha, Heloísa, 16, é repleta de simbolismos. Há três anos, Glória perdeu um bebê. “É uma última viagem, não sabemos quando será a próxima”, diz, sobre a filha que vai voltar, depois de um período na casa de parentes, sob a supervisão de um tripulante amigo da família.

Glória tem diploma de técnica em enfermagem, mas diz que não consegue vaga sem se submeter a políticos locais. Mesmo as opções para trabalhar como vendedora em lojas ou supermercados são escassas. A melhor solução que encontrou foi partir. “Estou sem emprego há dois anos e pouco. Isso leva a gente à necessidade. Minha mãe é pensionista, tem um salário mínimo, não dá para sustentar uma casa.”

**PERTO DO DESTINO.** Às 8h30 de sexta-feira, o comandante Pedro Jeremias, de 70 anos, avisa que a chegada a Manaus está, enfim, prevista para as 15h. Para alguns, será o fim da jornada. Para outros, só encerramento da perna mais curta. A venezuelana Andrea Rosas, de 19 anos, segue o caminho que primos e tios já percorreram. As situações de assédio moral e xenofobia no trabalho sem documentação em um restaurante de Tabatinga passaram a ser intoleráveis, ela conta. Em paralelo, alguns dos colegas de seu convívio se aproximaram do tráfico.

As notícias que chegavam de Curitiba, onde a família de Andrea se estabeleceu, davam conta de que a cidade oferece mais oportunidades. “Do Brasil, só conheço Tabatinga. Não dá para ter um futuro lá, não tem oportunidades. Quero estudar, trabalhar. Tenho medo, mas sei que não podemos nos estressar com coisas que não estão no nosso alcance”, diz. Mas sonha com as condições de um dia ter toda a família reunida novamente. “Quero estar perto de toda a minha família. Agora, a Venezuela não dá. Mas, se algum dia as coisas mudarem, eu volto para lá.” ●